
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Posições dos revoltosos tenentistas do 28º Batalhão de Caçadores. Aracaju/SE, julho de 1924 | Imagem: [Wikimedia Commons](#)

Militares insurgentes – Resenha de *O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1924 à Revolução de 1930*, de Ibarê Dantas

José Vieira da Cruz (UFS)

Resumo: *O Tenentismo em Sergipe*: da Revolta de 1925 à Revolução de 1930, de Ibarê Dantas, analisa o ativismo de jovens oficiais sergipanos no contexto da década de 1920. Como mérito, destaca-se o pioneirismo regional e a sólida contribuição à historiografia política.

Palavras-chave: tenentismo; Sergipe; Ibarê Dantas; historiografia política; Revolução de 1930.

O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1925 à Revolução de 1930 chegou à sua terceira edição por iniciativa da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe, na administração de Josué Modesto dos Passos Subrinho. Escrita por Ibarê Dantas, em 1973, a obra mantém o objetivo original de “estudar o Tenentismo em Sergipe, enquanto luta e espera pelo poder” (p. 23) ao lado da previsão de que eventuais retrocessos políticos encontrem “dificuldade de se consolidar”. (p. 12).



O nome Ibarê Dantas dispensa comentários, razão pela qual suprimo a informação sobre a sua original e vitoriosa trajetória de historiador e político, sobretudo, das coisas sergipanas. Prefiro retomar aspectos contextuais da temática enfocada pela obra. Estruturada em três partes e 17 capítulos, a obra discute embates ocorridos após a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, quando o Império (1822-1889) foi sepultado em favor de um novo arranjo entre as elites políticas e econômicas nacionais.

Neste período que se estende até os dias atuais, em meio a mudanças, disputas e rearranjos, o estabelecimento do respeito à “coisa pública”, alternância de poder, sufrágio universal e valores democráticos tem sido alvo de entraves, contrapesos e desafios – dentre eles a tensão entre militares e civis em torno da ordem política estabelecida. A versão brasileira, diferente do modelo federativo dos Estados Unidos, não envolveu a sociedade. Ela resultou de um golpe de Estado efetivado por militares, apoiada pela aristocracia rural e consentida pelas elites urbanas.

Esta breve aliança de interesses, de golpe em golpe, logo cedeu lugar a uma longa, recorrente, persistente e dura disputa entre oficiais e bacharéis – um exemplo desta tensão foi a crise que colocou fim na chamada República liberal-oligárquica (1889-1930). Em torno deste processo histórico merece atenção a sucessão de insurgências, revoltas e movimentos articulados por jovens tenentes no decurso da década de 1920.

Neste outro contexto, o oficialato já reivindicava a profissionalização da carreira militar, a exemplo dos exércitos franceses e alemães, mas diferentes destes mantinham o desejo de participar da arena de decisão política – apoiados no discurso de defender as camadas médias urbanas até então excluídas do inconcluso, tardio e elitista processo republicano brasileiro.

Sob esta atmosfera, em 1924, dois anos depois das primeiras insurreições tenentistas, eclodiram – em São Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas, Sergipe e outros estados – revoltas mais planejadas, articuladas e com impactos que reverberariam na Revolução de 1930. Entre estas revoltas, sob o ponto de vista de Ibarê Dantas, *O Tenentismo em Sergipe* destaca como a participação dos militares na política se tornou um fenômeno nacional com inter-relações nos estados. No livro, o autor observa o desejo de ascensão política de jovens oficiais, as discrepâncias federativas e a emersão de estudos acadêmicos produzidos dentro e fora das metrópoles culturais do país sobre o tema.

A obra em apreço, produzida e publicada no contexto da ditadura civil-militar, aborda de modo contextualizado o tema do tenentismo a partir da revolta de 1924 ocorrida em Sergipe – destacando de igual forma o papel dos oficiais no acontecimento e desdobramentos dele decorridos. A investigação efetivada no interstício de uma ditadura, por muitos reduzida a tutela e/ou hegemonia política dos militares, torna o estudo ainda mais emblemático a ponto de alimentar uma crítica do suposto alinhamento do autor com a ordem estabelecida.

Entretanto, as evidências analisadas não colaboram com esta interpretação. Em termos historiográficos, isto é, do campo dos estudos históricos, o tema da participação dos militares na política nacional, presente desde a Proclamação da República, alcançou outro status com o ativismo de jovens tenentes que reivindicavam a condição de porta-vozes das classes médias urbanas em contraposição às oligarquias nacionais – horizonte ampliado com os feitos atribuídos à Coluna Prestes.

Este recorte, do ativismo de jovens oficiais como supostos representantes das classes médias urbanas, instigou, nas décadas seguintes, muitos pesquisadores sobre o assunto – dentre eles, um jovem estudante de história, funcionário do Banco do Brasil que, estimulado por intelectuais de seu círculo de formação, resolveu fazer uma pesquisa sobre o assunto fora dos muros da academia. O fato de o autor, enquanto estudante, ter respondido um inquérito disciplinar por conta de críticas à chamada “Revolução de 1964” e à sua proximidade com intelectuais vigiados e processados pelos órgãos de segurança e informação o colocam na condição oposta à ditadura, ao contrário de alinhamento com a ditadura.

A obra em questão tem um caráter pioneiro por analisar o movimento a partir da periferia em lugar dos grandes centros de decisão política. Além disso, a obra destaca as inter-relações do movimento a partir de uma unidade federativa do Nordeste, enfatizando como os jovens tenentes se diferenciavam de outros oficiais graduados e com vínculos mais estreitos com as oligarquias estaduais.

É clara, portanto, a intenção do autor em estudar o ativismo de jovens oficiais a partir dos acontecimentos tenentistas que se colocavam, ainda que no campo do discurso, como “porta-vozes” das classes médias urbanas. Simetria semelhante não se observa no discurso e nas práticas dos militares que participaram do golpe e da ditadura civil-militar (1964-1985). Estes últimos estavam centrados em conter, reprimir e combater os setores da sociedade engajados em torno de propostas, objetivos e pautas nacionalistas, reformistas e, sobretudo, populares.

O autor em questão, além da obra em apreço, vem produzindo importantes estudos sobre a história política a partir de variados recortes temáticos e temporalidades. Ele não tem por hábito aprofundar estudos já publicados a partir de perspectivas teóricas, metodológicas e/ou historiográficas mais recentes. Assim, além de apresentar perspectiva original à época da primeira edição, *O Tenentismo em Sergipe* deixa uma sólida base aos novos historiadores para explorarem os referidos eventos sob outros suportes, fontes, como filmes e fotografias de época. Esses motivos bastam para que os interessados na história global dos movimentos políticos e da história sociopolítica leiam *O Tenentismo* de Ibarê Dantas.

Referências

DANTAS, Ibarê. *O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1924 à Revolução de 1930*, de Ibarê Dantas Aracaju: Editora da SEDUC, 2022.

Sumário de *O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1024 à Revolução de 1930*

Bicentenário da Independência do Brasil

Prefácio à terceira edição

Prefácio à segunda edição

Prefácio à Primeira edição

Introdução

I. Sergipe em inícios da década de 1920

1. A situação política
2. A situação econômica
3. A situação social
4. A imprensa e as manifestações divergentes

II. A emergência do Tenentismo e a Revolta de 1924

1. A formação do Tenentismo nacional
2. Inícios do Tenentismo em Sergipe
3. Reflexos da Revolta de São Paulo em Sergipe
4. A Revolta de 13 de julho
5. Reação e triunfo dos legalistas
6. Os tenentes processados

III. A Revolta de 1926 e a continuidade do Tenentismo

1. Maynard e a Revolta de 19 de janeiro
2. Os vencidos em degredo
3. Modificações políticas e acomodações
4. O crepúsculo da velha ordem
5. A Revolução de 1930
7. A conjuntura política depois da Revolta

IV. Conclusões

Fontes e bibliografia

Apêndices

Anexos

Resenhista



José Vieira da Cruz (UFS) é doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi professor e vice-reitor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e orienta pesquisas nos programas de pós-graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). É autor de *Da autonomia à resistência democrática: movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1981*, *Aprendizagem história: espaços, suportes e experiências* e *Uma breve História do Brasil*. ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1801094730094239>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2901-2390>; E-mail: josevieira@academico.ufs.br.

Para citar esta resenha

DANTAS, Ibarê. *O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1924 à Revolução de 1930*. Aracaju: Editora da SEDUC, 2022. 250 p. Resenha de: CRUZ, José Vieira. Militares insurgentes. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 24, p. 38-42, jul./ago., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).